



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – CCSA
CURSO DE FORMAÇÃO DE OFICIAIS – CFO/PMMA

MATHEUS HENRIQUE RODRIGUES MELO

SOBREVIVÊNCIA URBANA: Análise da eficiência do Curso de Formação de Oficiais da PMMA no preparo do oficial para atuar em situações de reação à violência

São Luís
2022

MATHEUS HENRIQUE RODRIGUES MELO

SOBREVIVÊNCIA URBANA: Análise da eficiência do Curso de Formação de Oficiais da PMMA no preparo do oficial para atuar em situações de reação à violência

Monografia apresentada ao curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) para o grau de bacharel em Segurança Pública.

Orientador: CAP QOPM Francisco José Cunha Dos Santos Júnior

São Luís
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Melo, Matheus Henrique Rodrigues

M528s Sobrevivência urbana: análise da eficiência do Curso de Formação de Oficiais da PMMA no preparo do oficial para atuar em situações de reação à violência / Matheus Henrique Rodrigues Melo. - 2022
56 p.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Formação de Oficiais da Polícia Militar) - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2022

Orientador : CAP QOPM Francisco José Cunha Dos santos

1.Vitimização 2.Sobrevivência Policial 3. Polícia Militar
4.CFO I - Título

CDD - 355

**Elaborado por Cinthia Rachel Alves Rodrigues CRB
3/1348**

MATHEUS HENRIQUE RODRIGUES MELO

SOBREVIVÊNCIA URBANA: Análise da eficiência do Curso de Formação de Oficiais da PMMA no preparo do oficial para atuar em situações de reação à violência

Monografia apresentada ao curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) para o grau de bacharel em Segurança Pública.

Aprovado em: /11 /2022

BANCA EXAMINADORA

CAP QOPM Francisco José Cunha dos Santos Júnior
Polícia Militar do Maranhão

Prof. Me. José Antônio Ribeiro de Carvalho
Universidade Estadual do Maranhão

CAPM QOPM Nasser Bezerra Jadão Segundo
Polícia Militar do Maranhão

À Deus, aos meus pais, minha irmã e aos demais familiares que me apoiaram durante essa caminhada, tornando-a menos difícil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir viver as experiências proporcionadas no curso e em decorrência dele. Por me dar forças para conseguir realizar meu sonho, enfrentando todas as adversidades de estar longe de casa, dos familiares, amigos e mesmo assim seguir em frente.

À minha mãe, Clinaura Alves, que por muitas vezes tirou dela para me proporcionar o melhor, não mediu esforços para me ver mais confortável durante a jornada e sempre depositou total confiança, acreditando na minha capacidade.

Ao meu pai, Evaldo Vieira, que sempre me deu conselhos cheios de sabedoria, os quais me faziam ter mais ânimo, coragem, tranquilidade e segurança para seguir em frente.

A minha irmã, Cinthia Rachel, que foi e é minha inspiração para conseguir seguir firme e compreender que tudo faz parte do processo.

A minha namorada, Yara Mylena, que tornou a caminhada mais tranquila me apoiando nos momentos críticos, foi bastante compreensiva e paciente.

Aos demais familiares e amigos que me apoiaram.

Aos irmãos de farda, aqueles que tornaram a caminhada mais leve, ajudando a dividir o peso carregado na mochila durante a marcha até o fim do curso.

Ao CAP QOPM Cunha pelos conhecimentos repassados durante o curso e por ter me orientado na elaboração da monografia.

*“É justo que muito custe o que muito
Vale.”*

RESUMO

A profissão policial apresenta diversas circunstâncias que colocam a vida de quem promove essa atividade em risco diariamente. A sobrevivência policial é a capacidade de enfrentar as adversidades impostas pela profissão e pelo ambiente em que o policial se encontra. Desse modo, o objetivo da sobrevivência policial é fazer com que o agente esteja condicionado, através do treinamento adequado, a controlar seus atos de maneira que ele tenha consciência de tudo que está passando ao seu redor. Esse treinamento precisa acontecer desde a sua entrada na academia, por esta razão o presente trabalho objetiva investigar o Curso de Formação de Oficiais no preparo do oficial da PMMA para atuar em situações de reação à violência. Se desdobrando em três objetivos específicos: 1. Conceituar o que é a reação à violência urbana, sobrevivência policial; 2. Descrever como se dá a capacitação dos alunos do CFO nas disciplinas de tiro com relação a um treinamento específico voltado para a folga; 3. Identificar as contribuições da disciplina de tiro policial para a capacitação do oficial da PMMA para atuar em situações de reação de violência. Concluindo que a disciplina de tiro policial que é utilizada nos dias atuais para a capacitação do oficial da PMMA para atuar em situações de reação de violência embora contribua para a formação dos cadetes, não é específica para a sobrevivência policial o que faz com que muitos policiais não tenham proximidade com esta doutrina, ou ainda, busquem uma formação á mais para obter tais conhecimentos. Tendo isto em vista, defende-se a proposição de uma revitalização da estrutura curricular do curso do CFO, a fim de adicionar a sua grade definitiva uma disciplina que tenha como objetivo o trabalho e ensino da sobrevivência policial, unificando o saber teórico e prático em ações cotidianas.

Palavras-chave: Vitimização; Sobrevivência Policial; Polícia Militar; CFO.

ABSTRACT

The police profession presents several circumstances that put the lives of those who promote this activity at risk on a daily basis. Police survival is the ability to face the adversities imposed by the profession and the environment in which the police officer finds himself. In this way, the objective of police survival is to make the agent conditioned, through adequate training, to control his actions so that he is aware of everything that is happening around him. This training needs to happen from their entry into the academy, for this reason the present work aims to investigate the Officer Training Course in the preparation of the PMMA officer to act in situations of reaction to violence. Breaking down into three specific objectives: 1. Conceptualizing what is the reaction to urban violence, police survival; 2. Describe how the CFO students are trained in the shooting disciplines in relation to specific training focused on the day off; 3. Identify the contributions of the police shooting discipline to the training of the PMMA officer to act in situations of reaction to violence. Concluding that the discipline of police shooting that is used nowadays to train the PMMA officer to act in situations of reaction to violence, although it contributes to the training of cadets, it is not specific to police survival, which makes many police officers have no proximity to this doctrine, or still, seek further training to obtain such knowledge. With this in mind, the proposal of a revitalization of the curricular structure of the CFO course is defended, in order to add to its definitive schedule a discipline that has as its objective the work and teaching of police survival, unifying theoretical and practical knowledge in daily actions.

Keywords: Victimization; Police Survival; MP; CFO.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -PMs e PCs mortos em serviço e fora, mortos por Covid-19 e suicídio de policiais da ativa.....	20
Figura 2 - Vitimização Policial	21
Figura 3 - Círculo de sobrevivência para a proposição de um treinamento policial..	31
Figura 4 - Instrução de progressão tática no Curso de Força Tática.	49
Figura 5 - Curso de sobrevivência ofertada para turma CFO IV, com simulações reais	50
Figura 6 - <i>Ciclo de OODA</i>	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Turma do CFO que o participante faz parte.....	36
Gráfico 2 - Treinamento especializado para a sobrevivência policial.I.....	42
Gráfico 3 - Constância do treinamento dos cadetes sobre a sobrevivência urbana.	46
Gráfico 4 - Curso de treinamento previsto no plano de curso do CFO.	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Fragmentos de respostas sobre o que os policiais entendem por sobrevivência policial.	37
Quadro 2- Fragmentos de respostas sobre a diferença do treinamento convencional e o treinamento de sobrevivência urbana.....	39
Quadro 3 - Fragmentos de respostas sobre o treinamento realizado no CFO ou à parte	42
Quadro 4 - Fragmentos de resposta se dentro do CFO tem algum treinamento voltado para a sobrevivência policial.....	44
Quadro 5 - Fragmentos de resposta se outra disciplina do CFO aborda a sobrevivência policial.	47
Quadro 6 - Fragmentos de resposta se outra disciplina do CFO aborda a sobrevivência policial.	51
Quadro 7 - Fragmentos de resposta da avaliação do treinamento de sobrevivência policial quanto ao uso de arma de fogo, abordagem e combate..	54

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Curso de Formação de Oficiais	CFO
Observação - Orientação - Decisão – Ação	OODA
Observar – Reagir – Reconhecer – Responder	O3R
Polícia Militar do Maranhão	PMMA
Policia Civil	PC
Policia Militar	PM

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	CRIME E VIOLÊNCIA	18
2.1.	Aspectos históricos sobre crime e violência no Brasil	19
2.2.	Perfil estatístico de ocorrências policiais.....	19
3	O SERVIÇO POLICIAL MILITAR	24
3.1.	Vitimização Policial Militar	25
4	SOBREVIVÊNCIA POLICIAL	28
4.1.	Treinamento policial	29
4.2.	Práticas da sobrevivência policial	30
5	METODOLOGIA	33
5.2.	Instrumento de coleta de dados.....	35
5.3.	Análise dos dados	35
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
6.1.	Conceito sobre sobrevivência urbana segundo os policiais	37
6.2.	Sobrevivência urbana e o Curso de Formação Oficiais	44
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS	58
	APÊNDICE	62
	Apêndice A – Questionário aplicado nas turmas do CFO	63
	Apêndice B – Termo de compromisso dado aos policiais	64

1 INTRODUÇÃO

A profissão policial apresenta diversas circunstâncias que colocam a vida de quem promove essa atividade em risco diariamente. Os profissionais ligados a segurança pública, em sua maioria policiais militares, chegam a óbito todos os anos em decorrência das mais diversas causas, sendo algumas delas: confronto em serviço, suicídio, acidentes, doenças como a Covid-19, observada nos dois últimos anos e, principalmente, o confronto na folga. Esta última causa, eleva a periculosidade da profissão, uma vez que enfatiza que o risco enfrentado na atividade policial não cessa quando o turno termina.

Em oposição a essa afirmativa, é nesse espaço de tempo que os policiais devem se manter mais alertas e atentos para não serem reconhecidos ou para o caso de possíveis situações de violência em sua proximidade, em que ao depararem-se com uma ocorrência criminosa, tomados pelo ethos guerreiro em que foram formados profissionalmente, se envolvem e acabam se tornando vítimas. O que pode levar aos questionamentos reagir ou não reagir? Quando reagir? Qual técnica utilizar?

Essas várias indagações ecoam no pensamento do policial que deve promover uma resposta muito rápida e intuitiva para que possa sair com vida de uma situação de risco. Diante disso, é necessário que, minimamente, esses profissionais se sintam capacitados para enfrentar tais situações que colocam em risco eminente, de forma que desde a sua formação inicial os cadetes possuam uma formação adequada e se sintam preparados para realizar uma reação à violência urbana de maneira segura e adequada, não colocando a sua vida nem a de terceiros em riscos. Contudo, contrastante a isto, ainda o que se vê são policiais que ainda não se sentem minimamente preparados para uma reação em um momento inesperado.

Um estudo realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública por meio do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021) realizou uma pesquisa em que ouviu mais de 10 mil profissionais de segurança pública de todo o Brasil, onde 67,7% deles afirmaram possuir temor alto ou muito alto de ser vítima de homicídio em serviço e 68,4% alegaram temor alto ou muito alto de ser vítima fora do serviço.

Essa mesma pesquisa revelou que o número de policiais mortos fora de serviço é aproximadamente quatro vezes maior que a quantidade de policiais mortos

em serviço, quando tratamos de lesão corporal decorrente da intervenção de policiais durante a folga a razão é quase 10 vezes maior. Na percepção destes trabalhadores, 38,4% entendem correr risco de ser morto em serviço, 29,6% de folga e 30,8% não enxergaram diferenciação entre os riscos.

Como já foi apresentada a grande maioria de policiais que se lesionam ou morrem em decorrência de intervenção em ocorrências ocorre na folga, por isso é interessante analisar se as cadeiras de tiro ministradas no CFO-PMMA capacitam o oficial para atuar nessas situações. Vale lembrar que o oficial, caso esteja capacitado para atuar em ocorrências na folga, tem competência para repassar esse conhecimento à tropa.

Diante de tais dados, o tema debatido na presente pesquisa monográfica vem adquirindo progressivo interesse junto à comunidade acadêmica, destacando-se pelo incentivo à pesquisa de temas que envolvem o ambiente institucional, haja vista que é necessário reconhecer as fragilidades e dificuldades da formação desses policiais para que seja possível construir um plano de melhorias para o curso e para funcionamento das instituições, dando maior segurança aos profissionais de segurança pública.

Para além disso, existem poucos trabalhos acadêmicos desenvolvido sobre essa temática no contexto da PMMA São Luís – MA, o que demonstra uma lacuna conceitual, sendo assim, o presente trabalho pode trazer contribuições para o aprofundamento de técnicas de combate à violência e a como reagir em situações de risco fora do âmbito trabalhista, compondo um maior conhecimento sobre a temática no contexto local de São Luís – MA, mostrando suas especificidades e com desdobramentos trazer melhorias.

Diante de tais aspectos, a presente pesquisa visa responder o seguinte questionamento de pesquisa: Como a prática dos conhecimentos adquiridos nas disciplinas do Curso de Formação de Oficiais da PMMA pode capacitar os oficiais formados na APMGD para atuar em situações de reação à violência?

Apresentando como objetivo geral o de investigar o Curso de Formação de Oficiais no preparo do oficial da PMMA para atuar em situações de reação à violência. Se desdobrando em três objetivos específicos: 1. Conceituar o que é a reação à violência urbana, sobrevivência policial; 2. Descrever como se dá a capacitação dos alunos do CFO nas disciplinas de tiro com relação a um treinamento específico voltado para a folga; 3. Identificar as contribuições da

disciplina de tiro policial para a capacitação do oficial da PMMA para atuar em situações de reação à violência.

O presente trabalho monográfico foi organizado em sete capítulos, os quatro primeiros capítulos referenciais que visam apresentar as discussões da literatura atual que envolve a temática, acerca do conceito de crime e violência, mostrando seus riscos na carreira do policial militar. O serviço do policial militar, enfatizando, o trabalho policial realizado pela PMMA e a Sobrevivência Policial, demonstrando seus conceitos e práticas.

O quinto capítulo discorre sobre o aporte-teórico metodológico utilizado para a realização da presente pesquisa, a qual ocorreu no segundo semestre de 2022. O sexto capítulo visou apresentar os resultados obtidos por meio da coleta de dados e as discussões possíveis mediante a literatura existente na área. E por fim, o sétimo capítulo traz as conclusões inferidas após o desenvolvimento da pesquisa e os seus desdobramentos para futuras pesquisas, com a finalidade de prescrutar os aportes teóricos que ainda possuem lacunas acerca da sobrevivência policial do maranhão.

2 CRIME E VIOLÊNCIA

Esse capítulo visa revisar o conceito sobre violência de maneira mais abrangente, destacar os aspectos históricos sobre o crime e a violência no Brasil, bem como, traçar o perfil estatístico de ocorrências de policiais no país.

De maneira geral, a violência caracteriza-se como um fenômeno social e histórico sempre presente no contexto da sociedade brasileira mesmo antes do processo de colonização com a chegada dos europeus nas terras brasileiras.

A palavra violência tem sua raiz no latim, *violentia*, que significa força física e vigor, ou a “força que se usa contra o direito e a lei. Essa força física se transforma em violência quando excede os limites sociais ou altera acordos e regras que coordenam as relações em sociedade” (MISSE, 2006, p. 21).

Andrade (2018), afirma que o limiar da caracterização sobre o que será tido como violento não será traçado a partir do prisma da percepção sobre o limite e do sofrimento causado pela violência, o qual sempre variando de acordo com o contexto histórico e, por isso, dificulta-se elaborar uma definição bem delimitada do fenômeno.

A violência constitui um tipo de relação social em que se nega o outro e o espaço do diálogo desaparece, pois não existe espaço para a argumentação ou negociação de uma determinada demanda, destacando-se sempre a arbitrariedade (ANDRADE, 2018, p.1).

Para Misse (2006), o Violento (*violentus*) é quem agia com força impetuosa, excessiva, exagerada. O emprego retórico da palavra passou a lhe conferir significados cada vez mais largos: a violência dos ventos, a violência das paixões, a violência da expressão.

Quando se propõe analisar a questão da violência, na sociedade brasileira, não se pode reduzir esse fenômeno a uma mera situação de causas, efeitos ou estatísticas, mas, sim destacar a importância dela na constituição e organização social do nosso país, até porque juntamente com a violência interagem outros fenômenos (ANDRADE, 2018). Essa abrangência entre a dualidade presente no conceito de violência, em sua ampla percepção, será melhor abordada na seção a seguir.

2.1. Aspectos históricos sobre crime e violência no Brasil

A violência afeta a população brasileira de formas desiguais enquanto para algumas pessoas passa despercebida, outras convivem diariamente com ela. Um conceito importante que precisa ser entendido concerne ao de violência urbana, que pode ser entendida como o fenômeno da violência em áreas urbanas e com maior densidade populacional (SOUZA; LIMA, 2006).

Ainda, para Andrade (2018), a violência urbana diz respeito a uma multiplicidade de eventos (que nem sempre apontam para o significado mais forte da expressão violência) que parecem vinculados ao modo de vida das grandes metrópoles na modernidade tardia.

Esses eventos podem reunir na mesma denominação geral, motivações e características muito distintas, desde vandalismos, desordens públicas, motins e saques até ações criminosas individuais de diferentes tipos, inclusive as não-intencionais como as provocadas por negligência ou consumo excessivo de álcool ou outras drogas (ANDRADE, 2018, p.2).

Além disso, a expressão violência urbana tenta dar um significado mais sociológico a esses eventos, interligando-os a causas mais complexas e a motivações muito variadas, numa abordagem que preconiza a necessidade de não desvincular esses eventos da complexidade de estilos de vida e situações existentes numa grande metrópole (SANTOS; SANTOS, 2021).

A ampliação dos eventos que cabem no uso da expressão decorre exatamente da ampliação da experiência e da demanda de relações sociais pacificadas e civilizadas. Violência urbana e incivilidade tornam-se assim, na segunda metade do século vinte, duas faces de uma mesma moeda. Ademais, destaca-se que o histórico de violência no Brasil antecede a colonização e possui raízes históricas imbricadas no seio de sua constituição como nação.

2.2. Perfil estatístico de ocorrências policiais

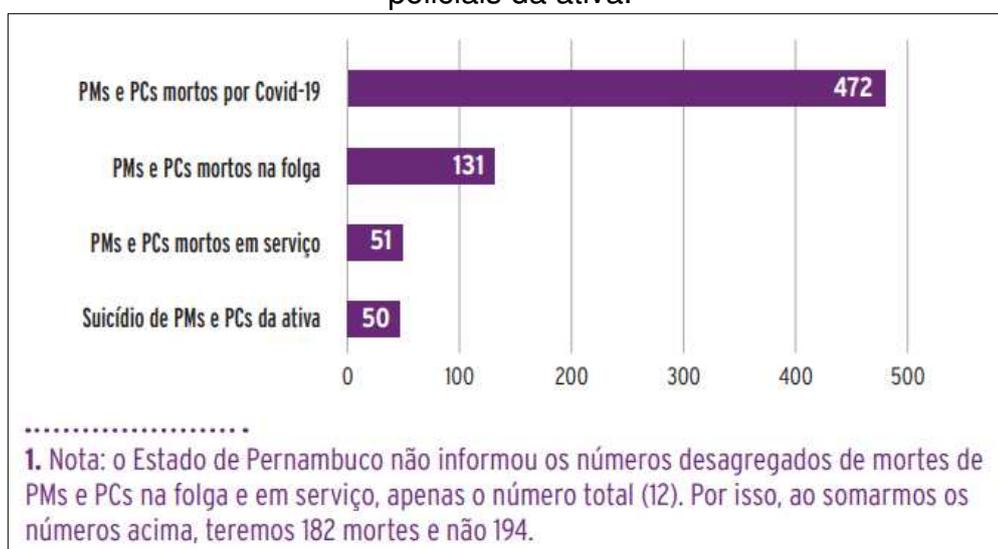
De acordo com uma matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo, no ano de 2015, um Policial Militar era morto a cada nove dias fora de serviço em um dos estados mais importantes do Brasil. Esse fato alertou para o aumento de 14%

no número de mortes por policiais em dias de folga em comparação aos anos de 2013 e 2014. Na época o Jornal apurou que somente do dia 1º janeiro ao dia 25 do mesmo mês ao menos 5 policiais haviam sido mortos durante sua folga (RESK, 2015). Esses números são alarmantes e reverberam as preocupações dos profissionais que não se sentiam mais seguros no exercício de sua profissão.

O Brasil é um dos países que está no topo da lista de altas taxas de mortes violentas intencionais do mundo, com o número de vítimas chegando a aproximadamente 60 mil por ano. Tais cifras concedem ao país o título de polícia que mais mata, mas também aquela que mais morre em serviço e, principalmente, fora dele. Esses números trazem à tona a problemática que cerca a segurança pública e a justiça no Brasil (CÂMARA, 2019).

Atualmente, mesmo quase sete anos depois dos dados expostos pelo jornal do Estado de São Paulo pouca coisa mudou. De acordo com os dados publicados no Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2021), com uma pesquisa feita no ano 2020, 716 policiais foram mortos e os motivos das mortes variam (ver figura 1): confronto em serviço, confronto na folga, suicídio e, aparecendo pela primeira vez como causa de mortes de policiais, a Covid-19¹. (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2021).

Figura 1. PMs e PCs mortos em serviço e fora¹, mortos por Covid-19 e suicídio de policiais da ativa.



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2021

¹A Covid-19 apresentou pontos interessante a serem observados, já que foi a maior causa de morte de policiais no ano de 2020 o que se justifica já que muitos profissionais de outras categorias puderam realizar o trabalho remotamente, mas aqueles da segurança pública, por estar na categoria de serviço essencial, não tiveram essa opção.

Segundo esta mesma pesquisa, em 2020 houve o agravamento das mortes de policiais civis e militares em decorrência de Crimes Violentos Letais Intencionais - CVLIs, sendo essa uma das consequências mais deletérias dos problemas da segurança pública no Brasil: a vitimização policial. Em 2020 foram 194 policiais vítimas de CVLIs, um aumento de 12,8% em 2020 em relação ao ano anterior que teve 172. É possível observar na figura 2, abaixo, que das 194 vítimas, 131 delas estavam no período de folga, ou seja, 72% dos casos. As vítimas, em 98,4% dos casos, eram do sexo masculino (ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2021).

Figura 2 - Vitimização Policial



Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 2021.

Mello (2015) afirma que existem diferentes causas para a fatalidade da vitimização de policiais, dentre as quais se destacam a utilização de técnicas inadequadas ou expondo-se além do que foi ensinado nos centros de formação ou academias, tombam em confrontos com cidadãos infratores da lei; alguns são surpreendidos durante a execução de atividade extra remunerada para complemento da renda; há os que no momento de uma abordagem criminosa, são identificados como policiais e conseqüentemente mortos; tem-se aqueles que,

mesmo estando sozinhos, ao depararem-se com uma ocorrência criminosa, tomados pelo *ethos* guerreiro forjado, moldado desde a fase de formação profissional, se envolvem e acabam se tornando vítimas.

Com base nesse panorama de dados, é notório que a vitimização de policiais é um problema que ameaça o Estado. De acordo com Santos e Santos (2021), a violência urbana está presente na sociedade brasileira e para tanto é necessário que o policial esteja preparado para defender-se dela não somente em serviço, mas principalmente em seus momentos de folga, uma vez que durante a profissão agrega inúmeros riscos eminentes. Para tanto, é necessário que o policial esteja treinado e preparado para atuar mediante as diferentes situações de violência que esteja passível, pois somente assim terá mais chances de conseguir sair com vida de um confronto armado.

Neste âmbito, é oportuno trazer alguns conceitos fundamentais. Segundo Silva, “violência é no contexto abrangente um ato que ocasiona uma quebra um paradigma social pelo uso da força. Ocasionalmente um ato de violência não existindo assim uma relação social que utiliza um diálogo perante” (SILVA et al., 2018, p. 60).

Já no que trata sobre sobrevivência Silveira (2016, p. 759) conceitua a como uma “qualidade ou estado de sobrevivente; resistência”, nesta mesma seara percebe-se que a sobrevivência está ligada ao instinto básico que o ser humano possui de lutar pela sua própria vida. Agregado ao conceito de sobrevivência, Oliveira (2018) propõe que sobrevivência policial seja a capacidade de vencer as adversidades e perigos da profissão. A premissa dessa definição é que o policial deve estar apto a se defender durante o serviço ou na folga ao treinar a mente e o corpo para a autodefesa.

O estudo da sobrevivência policial é ainda mais importante quando foca nas situações de folga. Momento em que o policial se sente mais seguro por estar fora de serviço e inconscientemente baixa a guarda (OLIVEIRA, 2018).

Um ponto que merece destaque é a legalidade da reação à violência em casos fora do horário de serviço, ou seja, na folga. De acordo com Código de Processo Penal - CPP “qualquer do povo poderá, e as autoridades policiais e seus agentes deverão prender quem quer que seja encontrado em flagrante delito” (BRASIL, 1941, p. 49), em outras palavras, existe uma responsabilidade conferida por lei de agir em situações de flagrante delito.

É importante pontuar que não se pode restringir a abordagem que deve ocorrer em flagrante delito, uma vez em a ação policial pode ocorrer de forma indireta ao indivíduo, ou seja, em uma situação de flagrante o policial de folga pode contactar os colegas de serviço para que esses efetuem a prisão. Nesse caso o agente não se omitiu e sua ação teve influência na prisão dos suspeitos (SANTOS; SANTOS, 2021).

Oliveira (2018) aponta, que em todo caso o policial deve partir do princípio da autodefesa, o qual deve nortear a atuação do policial ao adotar técnicas de prevenção. A melhor defesa para uma situação de violência não é vencer o agressor, mas justamente evitar que ela aconteça por intermédio de comportamentos e técnicas preventivas (OLIVEIRA, 2018).

O foco da autodefesa é a prevenção, sendo o confronto a última opção. Evitar o confronto é tão importante quanto estar preparado para ele. A sobrevivência e a auto preservação da vida são ações instintivas a todos os seres vivos. Ninguém almeja morrer em uma situação que poderia ser evitada apenas com atenção e mudanças de hábitos (DUARTE, 2019).

No entanto, caso seja necessário o emprego de força pelo policial ele está respaldado a utilizar em caso de risco. Sendo assim, é importante ter sempre consigo um instrumento de menor potencial ofensivo, pois dependendo da situação ele poderá ser empregado, tais como armas, munições e equipamentos desenvolvidos com a finalidade de preservar vidas, em que esses instrumentos sejam utilizados com o objetivo de neutralizar o agressor.

No próximo capítulo será discutido acerca do serviço da PMMA, seus históricos e os riscos da profissão para o indivíduo policial como forma de embasar as informações aqui discutidas.

3 O SERVIÇO POLICIAL MILITAR

O presente capítulo tem como objetivo discorrer sobre a construção da instituição da Polícia Militar (PM), com o foco no histórico da Polícia Militar do Maranhão, assim como a violência e os riscos que os policiais correm ao desempenharem sua função no estado. E também aborda sobre aspectos da vitimização policial.

O processo de redemocratização do Brasil para a configuração de um Estado Democrático de Direito, possibilitou a garantias que fossem fundamentais à sociedade e do exercício de direitos sociais e individuais, como a liberdade, a segurança, o bem-estar, a igualdade e a justiça (BRASIL, 1988). Por meio da consolidação da Carta Magna teve-se a atribuição das competências e dos deveres dos órgãos e instituições dos poderes que regeriam o país como o executivo, legislativo e judiciário (LOPES, 2019).

Assim como a educação, a saúde e o trabalho, a segurança nasce como um direito fundamental assegurado na Constituição como um dos avanços nos direitos individuais e requeridos nos diversos setores sociais, segundo Marmelstein:

Os direitos fundamentais são normas jurídicas, intimamente ligadas a ideia de dignidade da pessoa humana e de limitação de poder, positivada no plano constitucional de determinado Estado Democrático de Direito, que, por sua importância axiológica, fundamentam e legitimam todo ordenamento jurídico (MARMELSTEIN, 2008, p.20).

Diante de tal escopo, é dever do Estado propiciar e fornecer a Segurança Pública por meio de instituições e agentes. Nesse ínterim, a partir do que é preconizado no art. 144 da Constituição Federal, surge a Polícia Militar (PM) que tem como dever principal incumbência da preservação da Ordem Pública, bem como, a integridade das pessoas e do patrimônio, por meio do policiamento ostensivo, buscando a paz social (SOUZA, 2018).

De acordo com Lopes (2019), para que a Polícia Militar possa cumprir com os papéis instaurados a instituição, são necessários novos atributos como responsabilidade e o comprometimento, pautados dentro dos princípios, da legalidade de suas ações e dentro da ética, o compromisso de competência gerado por atualização profissional.

Doria Junior (2018) aponta que desde sua formação, a PM exerce seu papel de maneira eficaz, buscando promover segurança à população como um todo, contudo, ao longo dos anos é notório as mudanças que ocorreram acerca das novas demandas operacionais, quanto a tipificação de crimes existente e sobretudo o índice de criminalidade presente no país.

3.1. Vitimização Policial Militar

Com base nos dados apresentados até aqui, concorda-se com Reiner (2004) ao afirmar que os policiais morrem em proporções muito mais elevadas que os cidadãos de modo geral, ou ainda, podem sofrer sequelas deixadas pelo seu trabalho diário com sofrimentos físicos, psicológicos e sociais, já que muitos dos policiais possuem a ilusão de que são “intocáveis” e “invulneráveis”, além do que a ideia de que algo mais sério possa acontecer durante sua rotina diária é ultrajante.

Dado a este respeito que se compreende sobre vitimização policial, como aquela que ocorre quando há a troca de papéis e o policial se torna vítima da criminalidade (DUARTE, 2019). Os índices de mortalidade policial durante o exercício de sua função já foram estudados anteriormente, Merino (2010), afirmou que a vitimização policial pode ser influenciada por diversos fatores, dentre os quais estão: dos índices criminais da sociedade, como a disponibilidade de recursos de proteção balística, habilidades em direção defensiva, desmotivação para suicídio ou ainda a capacitação voltada para ações táticas.

Um outro trabalho foi desenvolvido por Oliveira Júnior (2013) que analisaram a segurança pública com base nos dados da pesquisa “O que pensam os profissionais de Segurança Pública do Brasil” coletados em 2009, no qual foram coletadas respostas de 64.130 profissionais de todo o país. A pesquisa era dividida em quatro modalidades, são elas: violência física, violência moral, acidentes de trânsito e falta de amparo legal, obteve os seguintes resultados.

- a) quanto à variável gênero, um policial masculino tem mais probabilidade de ser baleado, ameaçado e ser vítima de outras formas de violência que uma policial feminina;
- b) quanto à idade, a probabilidade recai sobre os mais novos;
- d) quanto à raça, os policiais pretos e pardos possuem maior possibilidade de serem baleados ou ameaçados, e os pardos mais que os brancos;

e) os policiais com menor grau hierárquico, menor renda, com menor tempo de polícia e que não possuem imóvel estão mais propensos à violência física;

f) policiais militares que atuam nas regiões metropolitanas tem maior chance de serem vítimas de violência física (OLIVEIRA JUNIOR, 2013, p. 20).

Duarte (2019) ao analisar a vitimização policial no estado do Pará, teve como principais resultados que a morte de policiais militares paraenses durante a folga possuem uma relação entre as mortes ocorridas e o risco da atividade policial, principalmente para aqueles que moram em áreas periféricas, onde não possuem a proteção de alguns equipamentos utilizados somente durante o serviço após o horário de trabalho, no momento de lazer, o profissional não dispõe de outra pessoa que possa “guardar a sua retaguarda” como foi treinado para a atuação profissional.

Sobre o risco e segurança profissional, Minayo (2008) afirma que esses conceitos quando atrelados a polícia, sofreram, ao longo do tempo algumas transformações. Hodiernamente, o risco está associado e faz parte da cultura institucional, tal qual como elemento inerente às suas condições de trabalho ambientais e relacionais.

O risco inerente a prática policial emerge, muitas vezes, do *ethos* policial forjada pela figura do herói, acerca disso Fronteira (2016) afirma que:

A grande maioria das pessoas em suas fantasias imaginárias, quando criança se inspiraram nos personagens de ficção, ou seja, sentíamos revestido de ‘super-herói’ com poderes sobrenaturais para de alguma maneira salvar alguém num suposto perigo, enfrentando monstros ou bandidos. Comumente esse herói que enfrenta bandidos em nome da lei é muito bem representado na infância por várias crianças, geralmente estendendo esse desejo para a fase adulta e resultando no ingresso em instituições militares (FRONTEIRA, 2016, p. 1).

Desse modo, Fronteira (2016) afirma que o arquétipo de herói é construído como aquele sendo inabalável, como um personagem agraciado de dons excepcionais, geralmente honrados pela sociedade em que vive, e para manter a imagem idealizada (herói) ao invés do reconhecimento das próprias fraquezas pessoais, há necessidade da utilização de mecanismos de defesa.

É nesse entremeio que a auto-imagem do policial militar trás importantes valores para a ótica da sua personalidade; por valores interpessoais, através da

busca de sua saúde física e segurança pessoal, como intrapessoal buscando a segurança da família e o bom relacionamento com a comunidade. Traçam o perfil idealizado ainda, valores como disciplinado, sistemático e autoritário, apesar de ocorrer de maneira subjetiva com certa dissonância, valores como frios, calculistas e agressivos. No entanto, sua atuação é imprescindível para o enfrentamento de marginais, discussões de vizinhos, brigas de casais e até nos trabalhos de assistência sociais como partos, encontro de pessoas perdidas, etc (FRONTEIRA, 2016).

Duarte (2019) afirma que ao se colocar em risco diário durante suas funções trabalhistas, esse risco continua mesmo depois de finalizar o turno, e quando está em dias de folga e férias. O risco de morte, existente em decorrência da profissão e que acompanha o policial militar em cada minuto do seu turno de serviço, o acompanha e o vitima muito mais quando esse turno termina. Reconhecendo a multiplicidade de fatores e circunstâncias que podem culminar com a vitimização do policial militar com resultado morte, o comando da corporação.

Em concordância obteve-se no Pará a Resolução Nº 001/2017 – Alto Comando, publicado no Boletim Geral da PM n. 228, de 07 de dezembro de 2017, o qual estabeleceu no âmbito da PMPA o Protocolo de Proteção da Vida e da Integridade Física de Policiais Militares, diante da situação de risco em razão do exercício da função ou em decorrência dela, abrangendo tanto os policiais em atividade quanto os que já se encontravam fora de serviço em razão de aposentadoria, por exemplo. Suas diretrizes envolvem atos preventivos e protetivos decorrentes das hipóteses de ameaça e de ações contra a vida ou incolumidade física, que numa escala gradual de medidas que inicia com orientações de segurança e patrulhamentos programados à realização de escoltas.

Medidas administrativas como essa, são essenciais para propor a reflexão da necessidade em procedimentos que visem minimizar o risco de vitimização de seus profissionais, principalmente diante do surgimento de casos de ameaça, em sua maioria relacionada ao local de moradia do policial militar, períodos diversos de folga e férias, em que os policiais se tornam um alvo em potencial (OLIVEIRA JÚNIOR, 2013; DUARTE, 2019). Pensando em formas de minimizar a vitimização sociais tem-se o conceito de sobrevivência policial urbana com base em seus conceitos, treinamentos e práticas como um aliado a serviço militar e será melhor explorado no próximo capítulo.

4 SOBREVIVÊNCIA POLICIAL

Nesta seção foram explorados os conceitos acerca da sobrevivência policial, seus principais conceitos, treinamento policial para tal e as práticas policiais. Visando isto, foram selecionados alguns artigos que pudessem servir de base teórica ao mesmo. Araújo aponta que um dos pontos cruciais quando se fala em vitimização policial se refere a reações mal sucedidas em que falta uma curadoria daquele policial.

Um elemento determinante responsável pelo grande número de policiais mortos, fora de serviço, deve-se às tentativas de reações mal sucedidas, a assaltos. [...]. Muitos não têm treinamento técnico e ao se confrontarem com os criminosos, acabam sendo alvejados e mortos. (ARAÚJO, 2017, p. 744)

Mesmo parecendo uma tarefa fácil, conceituar a sobrevivência policial se mostrou uma tarefa complexa, imbricada em uma rede de concepções sobre os termos. Sendo assim, inicialmente, é importante discutir acerca do conceito de sobrevivência policial.

Oliveira (2018), afirma que a sobrevivência policial é a capacidade de enfrentar as adversidades impostas pela profissão e pelo ambiente em que o policial se encontra. Desse modo, o objetivo da sobrevivência policial é fazer com que o agente esteja condicionado, através do treinamento adequado, a controlar seus atos de maneira que ele tenha consciência de tudo que está passando ao seu redor, como uma forma de conseguir superar as possíveis demandas que lhe interpõem diariamente como resultado do serviço.

Para Pinto (2020), em uma situação crítica, fazem-se necessárias habilidades, que são adquiridas ao longo do tempo, através de estudos, experiências e treinamento direcionado, no qual ao ser findado o agente goze de elementos físicos e psicológicos para conter tais ameaças. De modo parecido Lima afirma que:

Para sobreviver devo estar ciente, alerta, confiável, atento, decidido e pronto. Eu devo esperar o inesperado e fazer o inesperado. [...], sobretudo eu não morrerei nas ruas, ou em um beco, ou em qualquer outra parte. Eu sobreviverei, não apenas pela minha sorte, mas pelas minhas habilidades. (LIMA, 2011, p. 15)

Ao analisar as propostas colocadas pelos três autores é notório que os conceitos defendidos convergem entre si, para que se tenha um melhor resultado não é necessário ter apenas um único treinamento, mas um conjunto de habilidades e técnicas que comporão o *ser* policial em sua realidade. Desse modo, fica claro que, para se usar técnicas de autodefesa sem correr risco de ilegalidade, para conseqüentemente atingir o objetivo de sobreviver, o policial deve ter uma preocupação com vários fatores, como, por exemplo, treinamento adequado, equipamentos de boa qualidade, efeitos físicos etc (PINTO, 2020).

Desse modo, existe uma complexidade em volta da sobrevivência policial, tendo em vista que não se trata apenas de treinamento cru e sem dimensões posteriores, mas sim de camadas que são construídas ao longo do tempo e experiência do policial.

Grossman (2013) releva que para que haja uma abordagem eficaz no campo de batalha, é necessário um treinamento que prepare a mente e o corpo humano para vencer as adversidades físicas e psicológicas, fazendo com que ele tome a melhor decisão frente a um momento crítico.

Ainda nesse aspecto, Pinto (2020) afirma, que apesar de ter o conhecimento da técnica “muitos profissionais capacitados passam por situações que nenhum treinamento é capaz de se igualar, imagine aqueles que não se preocupam com seu preparo para tais situações” (PINTO, 2020, p.35), ou seja, para que haja a capacidade de sobreviver é necessário ter conhecimento. Mas ela não é absoluta em relação a outras habilidades, já que fatores podem variar de inúmeras formas, o que de alguma maneira influenciará no resultado final, seja porque o fator equipamento dê errado, mesmo que haja o treinamento correto, seja porque o fator físico/psicológico foi diferente do esperado, baseado nas técnicas de autocontrole e isso interferiu na ação/reação.

4.1. Treinamento policial

O treinamento é a atividade que se destina à transferência de conhecimentos, o qual se objetiva desenvolver habilidades, potencialidades e a superar lacunas da formação, além de dedicar-se a um desenvolvimento profissional.

De acordo com Assunção (2008, p. 35) o "treinamento de polícia militar é a atividade de educação continuada, que visa atualizar e modificar o comportamento dos militares, no intuito de melhor capacitá-los para exercer sua função policial militar". Pensando nisso tem-se o Manual Técnico-Profissional 3.04.01/2013-CG1 da Polícia Militar de Minas Gerais ao qual destaca que:

O treinamento policial militar baseado em situações práticas que se aproximam do cotidiano profissional, somado à análise crítica de erros e acertos vivenciados na experiência real, contribuem para o desenvolvimento da habilidade do policial militar pensar sobre como ele agiria nas diversas situações, visualizando mentalmente suas respostas e definindo previamente o seu procedimento básico. Dessa forma, ele criará rotinas seguras para sua atuação (MINAS GERAIS, 2013, p. 21).

Como já mencionado no item anterior uma forma de melhorar a sobrevivência policial durante a sua folga, é por meio de um treinamento. No entanto, essa premissa muitas vezes gera controvérsias, já que múltiplos fatores afetam a dinâmica policial, sendo assim, eis que surge o questionamento sobre qual a melhor forma de se priorizar a sobrevivência policial.

Pinto (2020) intervém ao defender que o treinamento para a sobrevivência policial deve ser duro e rigoroso, além de levar em consideração as situações do dia a dia, as quais não se encontram em uma zona de conforto, ou são esperadas pelo agente de segurança pública. De tal modo, que se extrapole o máximo de tentativas até a exaustão, somente, a partir de tal o treinamento o policial pode se sentir mais vigoroso e apto em sua segurança.

Um fato oportuno de ser colocado, é que os treinamentos ao serem desenvolvidos devem levar em consideração a realidade local enfrentada para os policiais da região em questão. E serão mais abordadas no tópico a seguir.

4.2. Práticas da sobrevivência policial

A adrenalina é um recurso desenvolvido por nosso corpo, biologicamente falando, que resulta da nossa evolução como humanos. Nos primórdios da nossa vivência, ainda na era da Pedra para que a espécie tivesse continuidade era necessário que estivéssemos atentos aos diferentes fatores de risco que nos cercavam como animais selvagens, intempéries climáticas e até mesmo outros

grupos de humanos rivais, como recurso para que agíssemos habilmente em situações de risco, nosso corpo desenvolveu a reação química da adrenalina, sendo ainda hoje esta mesma reação que nos leva a agir em situações de “risco”. Em situações de muito estresse, medo e pressão o cérebro libera adrenalina para aumentar a nossa força física e rendimento, diminuir a sensação de dor e nos permitir sair da situação de risco com vida.

Porém, uma vez aumentado o sinal de alerta no corpo para a resposta metabólica de fuga ou luta, no caso estudado o preparo para uma luta iminente, ela também nos faz perder a capacidade de pensar logicamente e pode levar a situações de reações inadequadas, assim, para evitar tomadas de decisão inadequadas, e que colocam a vida do policial e de terceiros em risco técnicas especiais são necessárias para superar os problemas destas reações de sobrevivência.

Lima (ver figura 3) aponta em seu livro *Atividade Policial e o Confronto Armado* (2013) uma forma de treinamento baseando-se no círculo de sobrevivência, de maneira direta, profunda, alinhada e dinâmica, podendo ser representada por todos inclusive pessoas não policiais.

Figura 3. Círculo de sobrevivência para a proposição de um treinamento policial.



Fonte: Lima, 2013.

Na figura 3 acima, é possível observar o círculo de sobrevivência, que possui cinco componentes de igual valor e quase iguais no peso, a citar: 1) Preparação mental, 2) Preparação física, 3) Equipamentos, 4) Habilidades em tiro e 5) Preparação tática. Ao empregar o círculo, a pessoa deverá desenvolver todas as áreas, individualmente e igualmente, para que lhe seja garantida uma melhor possibilidade de sobrevivência. Assim como afirma o próprio autor sempre surgirão novos equipamentos, novas táticas e novos conceitos em geral que não deverão ser privados do conhecimento das pessoas que precisam se defender, ressaltamos que as variáveis envolvidas em uma situação de riscos mudam constantemente mostrando-se necessário a atualização constante desse círculo.

5 METODOLOGIA

O método científico é definido como um procedimento pelo qual o pesquisador irá direcionar o seu projeto de pesquisa com base em critérios e técnicas de caráter científico, buscando a construção do conhecimento científico. De acordo com Aragão, Mendes-Neta (2017) o conhecimento científico é construído com base na experiência e não apenas na razão. É passível de constatação, na qual as hipóteses podem ser testadas. Constitui um conhecimento que admite revisão, pois está constantemente sujeito a verificação e comprovação, uma vez que está aberto a constante possibilidade de novas descobertas (ARAGÃO; MENDES NETA, 2017).

Assim esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa que segundo Flick (2009) surge da construção social do que se investiga, está interessada nos entendimentos dos sujeitos, em suas ações diárias e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo, portanto, apresenta informações detalhadas e descritivas de pessoas, situações e processos. Para isso, o pesquisador pode fazer uso de diferentes instrumentos de coleta de dados como entrevistas, fotografias, desenhos, entre outros tipos de documentos com a finalidade de compreender diferentes aspectos envolvidos na situação estudada (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Em relação a sua tipologia trata-se de uma pesquisa de campo. Conforme afirmam Marconi e Lakatos (2003, p. 185):

A pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem, espontaneamente na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los.

Nesse sentido, a busca pelas informações que deram sustentação à pesquisa se desenvolveu no CFO -PMMA. Partindo de seu objetivo, a pesquisa teve um viés exploratório, para Gil (2010) as pesquisas que possuem este caráter possuem como objetivo principal proporcionar maior familiaridade com o problema a ser desenvolvido, fazendo com que ele se torne mais explícito e desta forma, aprimore

as ideias e a descobertas sobre a instituição a ser estudada. Ainda para esse autor, pesquisas que apresentam esse tipo de caracterização apresentam um planejamento bastante flexível, possibilitando a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado, assim essa pesquisa terá uma tipologia de estudo de caso e uma documental.

Gil (2010) traz o estudo de caso como uma tipologia de pesquisa que visa empreender um estudo profundo e exaustivo com um ou poucos objetos, o que permite seu conhecimento amplo e detalhado sobre o caso, atividade que não seria possível se fossem considerar outros de tipos de delineamento.

Sendo assim, o estudo de caso é uma tipologia de pesquisa que busca investigações em contextos particulares e aprofundados com contornos bem definidos e historicamente situados em seus contextos naturais, dessa maneira, é sumário que se possa compreender o contexto e o universo em que a pesquisa será realizada. Nesta especificidade será estudado o caso do Curso de Formação de Oficiais em que será questionado se a grade acadêmica de tiro ministrada no CFO aborda a questão da ação policial durante a folga? Como o conhecimento na área de sobrevivência policial pode auxiliar na redução dos índices de policiais mortos ou lesionado em ocorrências durante a folga?

5.1. Universo e amostra

O universo desta pesquisa se construiu no Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Maranhão – CFO, em que teve como participantes os cadetes do curso das turmas CFO I, CFO III e CFO IV, estas turmas foram escolhidas com base de critério estabelecido de já terem cursado pelo menos a disciplina de tiro policial, podendo, assim, ter um maior arcabouço teórico para a obtenção de dados.

Sendo assim, os dados coletados tiveram o intuito de identificar o grau de segurança do cadete para atuação em ocorrências durante a folga. É oportuno frisar que, devido à demanda de serviço semanal a disposição do Comando de Policiamento Metropolitano – CPM, os cadetes recebem o armamento da corporação e passam o final de semana com ele.

A segunda forma de obtenção se deu por meio da obtenção dos documentos do Projeto Pedagógico do Curso, bem como os programas das disciplinas de tiros, em que foi possível compreender como o CFO propõe a formação dos oficiais para

atuarem em ocorrências que tenha reação à violência urbana, inclusive, em período de folga. Sendo possível traçar um parecer a respeito da eficiência da grade curricular no preparo do oficial para atuar nessas situações.

5.2. Instrumento de coleta de dados

A coleta de dados foi dividida em duas etapas. Na primeira etapa foi aplicado um questionário, composto por dois blocos com perguntas abertas e fechadas (APÊNDICE A), e teve como intuito de investigar se os futuros oficiais se sentem capacitados a atuarem em situações de reação de violência.

O questionário foi aplicado aos policiais das turmas CFO I, CFO III e CFO IV. O questionário foi entregue de maneira virtual via *google formulários*, essa estratégia foi traçada de maneira a captar o máximo de respostas possíveis dos policiais. Foram consideradas as respostas de todos os policiais que relataram no questionário que já realizaram a disciplina de tiro. A todos os participantes foi entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) elucidando os objetivos da pesquisa e sua forma de participação (APÊNDICE B).

5.3. Análise dos dados

Com base na coleta de dados realizada e os documentos adquiridos, o material foi sistematizado e submetido à análise de conteúdo, que teve como referencial teórico metodológico os preceitos postulados por Bardin (2011).

De acordo com Bardin (2011), a análise de conteúdo se realiza em três grandes etapas, são elas: a pré-análise, que se refere, de modo geral, a leitura flutuante, a referenciação de índices e a elaboração de indicadores, com isso temos a organização e sistematização das ideias para que se possa conduzir as operações sucessivas de análise.

A segunda etapa é a exploração do material que consiste na construção das categorias e da codificação do material analisado. Para este trabalho as categorias serão estabelecidas a *posteriori* de acordo com o material e o objetivo a ser alcançado. E a terceira etapa refere-se à inferência e interpretação dos resultados com exposição e discussão dos dados obtidos. Os resultados aqui obtidos serão mais bem enfatizados no próximo capítulo.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avaliação dos dados da pesquisa foi realizada por meio das inferências interpretativas das informações coletadas através dos questionários aplicados. Com o intuito de deixar mais clara e objetiva a apresentação dos resultados obtidos, esta seção foi dividida em duas categorias principais, as quais estão apresentadas as principais respostas obtidas.

A presente pesquisa foi desenvolvida no segundo semestre de 2022, com o envio do questionário *online*. O questionário foi aplicado às três turmas do CFO I, III e IV, em que se teve 82 respostas com a participação de todos, desta forma pode-se dizer que houve a representação da maioria dos estudantes ativos das três turmas como pode ser visto apresentado no gráfico abaixo.

Gráfico 1 - Turma do CFO que o participante faz parte



Fonte: Autor, 2022.

Com base nisto, partiu-se em busca de responder o questionamento proposto Curso de Formação de Oficiais da PMMA pode capacitar os oficiais formados na APMGD para atuar em situações de reação à violência? Emergiram duas categorias: 1. Conceito sobre sobrevivência urbana segundo os policiais; 2. Sobrevivência urbana.

6.1. Conceito sobre sobrevivência urbana segundo os policiais

Inicialmente, foram questionados aos policiais quais os conceitos prévios eles tinham acerca da sobrevivência policial. No quadro abaixo há um compilado com as respostas mais relevantes obtidas que foram analisadas.

Quadro 1- Fragmentos de respostas sobre o que os policiais entendem por sobrevivência policial.

1) O que você entende por sobrevivência policial?

1. Capacidade técnica do policial para agir e reagir em situações inesperadas que, em sua maioria, põem em risco a sua vida ou de familiares, sobretudo em situações fora do serviço policial (folga);
2. Lidar com situações de risco de vida durante a folga;
3. conhecimento sobre técnicas de como se porta diante de confrontos armados estando de folga;
4. O policial precisa sobreviver em situações adversas;
5. É a habilidade adquirida através de técnica e táticas específicas voltadas para a atuação precisa e eficaz do policial salva-guardando sua vida e a de terceiros;
6. Não morrer;
7. Não sei;
8. É o conjunto de habilidades das quais farão o policial dar a resposta adequada à grave ameaça que possivelmente apareça no seu período de folga;
9. Ação policial, baseada em procedimentos e treinamentos avançados, que efetivaram e salvaguardarão a integridade física do policial militar no ambiente urbano;
10. Capacidade do policial de reagir a um perigo;
11. Táticas e técnicas utilizadas para a defesa do policial contra possíveis ameaças armadas;
12. É todo procedimento que um policial ou semelhante toma visando garantir a sua integridade física, preservando assim a sua vida;
13. Atividade ligada à reação policial na folga com o objetivo de reagir,

neutralizar e sobreviver fora do serviço ordinário, ou seja, em situações excepcionais e imprevisíveis;

14. Técnicas que quando utilizadas de forma correta garantem a manutenção da vida do profissional de segurança;

15. Preparo físico e mental para se manter vivo em meio às problemáticas da sociedade;

16. A capacidade do policial sobreviver quando em situação de confronto;

17. Habilidade necessária para sobreviver em determinadas situações que exijam condutas específicas;

18. Meios do policial sobreviver em situações de combate urbano;

19. Toda a rotina do policial militar de folga ou em serviço quando é submetido a perigo;

Fonte: Autor, 2022.

Quando parte-se em busca de analisar as respostas obtidas, é possível perceber que há uma diversidade em seu conteúdo, que vão desde ao fato de os cadetes admitirem que não sabem o que significa a sobrevivência urbana ou mais simplistas como o de não morrer, até trazer respostas mais elaboradas que destaquem um referencial teórico já estabelecido pelo policial. A disparidade nas respostas encontradas pode ser justificada pela heteroneidade dos participantes da pesquisa que se encontram em turmas diferentes curso (CFO I, CFO, III, e CFO IV), desta forma, também revelam que seus alunos possuem conceitos ainda não concretizados ao longo do seu percurso de formação.

No entanto, é indispensável que se pontue que, mesmo que um cadete ainda esteja na fase inicial do seu curso, é necessário que ele desde seu ingresso já tenha sido iniciado à capacitação de sobrevivência policial, haja vista que a partir do momento em que ele veste a farda o risco e se inicia. Essa heterogeneidade acompanha todas as perguntas no decorrer da pesquisa e permitiu que pudesse ser traçado um perfil da importância das disciplinas de tiro e sobrevivência para o cadete.

Ainda, nos fragmentos apresentados das repostas apresentadas acima, é possível inferir que os cadetes conseguem discernir, em sua maioria, o conceito básico no que se refere a sobrevivência policial e relacioná-lo com o preparo que

deve ser feito para o salvamento de vida. Reitera-se o conceito alinhado a esta perspectiva como aquele proposto por Oliveira (2018), o qual afirma que a sobrevivência policial é a capacidade de enfrentar as adversidades impostas pela profissão e pelo ambiente em que o policial se encontra de folga.

Acerca disso, Sales (2021) traz a reflexão em seu trabalho que a profissão policial militar exige características de um indivíduo que não são exigidas para a imensa maioria de outras profissões. Em princípio aprovação em concurso público, depois que inicia a formação o policial deixa o mundo civil e passa por um processo de capacitação de formação que vai moldar as características necessárias para o empenho da atividade, nos cursos de formação de oficiais há um superior nível de exigência e dedicação necessárias para poder se formar e ser policial militar.

Tal realidade é apresentada nas respostas quando os cadetes afirmam como sendo uma habilidade necessária para sobreviver em determinadas situações que exijam condutas específicas, que visam manter as especificidades mentais e físicas do policial mesmo em períodos de folga.

Um ponto importante refere-se às repostas dos cadetes que colocam a vontade de viver, ou seja, não morrer como uma atitude voraz. Nogueira (2021) afirma que mesmo que o policial possua os melhores equipamentos, tenha frequentado as diversas aulas e instruções, não serão suficientes se não há do indivíduo um intenso empenho para que possa sobreviver, com alguns traços específicos são eles: controle emocional; iniciativa; versatilidade; motivação; perseverança; resiliência.

A segunda pergunta realizada no questionário possibilita visualizar de uma melhor forma a relação realizada pelos cadetes entre a sobrevivência policial e a apreensão de técnicas especializadas e utilizadas em diferentes contextos durante sua trajetória profissional.

Quadro 2- Fragmentos de respostas sobre a diferença do treinamento convencional e o treinamento de sobrevivência urbana.

2) Qual a diferença do treinamento convencional aplicado à atividade policial e o treinamento de sobrevivência urbana?

1. Não sei;
2. As variáveis da sobrevivência urbana são diferentes quando comparadas ao treinamento convencional do policial em serviço, principalmente quando

abordado o fator surpresa;

3. O primeiro está ligado ao policial em serviço, com sua guarnição, já o segundo o policial geralmente está só e fora de serviço;
4. A sobrevivência urbana diz respeito ao combate fora do serviço;
5. A sobrevivência urbana é voltada para as questões relacionadas ao ambiente urbano e suas características próprias;
6. A principal diferença é que uma é voltada ao exercício da função policial enquanto a outra é direcionada ao momento de folga do Militar;
7. Não sei dizer;
8. O treinamento convencional está voltado geralmente para atuação do PM quando de serviço, já na sobrevivência urbana o contexto é geralmente do policial de folga;
9. O treinamento de sobrevivência seria mais voltado para o combate urbano;
10. O primeiro diz respeito às táticas e técnicas usadas na atividade policial, onde se tem um conjunto de fatores favoráveis a atuação como: a farda, a guarnição, a percepção do cidadão de que o policial se trata de uma autoridade estatal. O segundo refere-se à capacidade técnica e tática de ação e reação em situações de folga, onde o militar está com trajes civis, que lhe permite reduzir a probabilidade de se tornar uma vítima em potencial de uma ação delituosa e/ou saber agir caso acabe se tornando uma vítima em uma tentativa de crimes;
11. O treinamento convencional leva em consideração que o policial não opera sozinho, enquanto que na sobrevivência, que envolve maior risco, na maioria das vezes o policial agirá de maneira individual;
12. Um é voltado para o serviço, o outro no período de folga quando está de civil;
13. Não ensina o policial ao combate urbano de fato na rua;
14. No treinamento urbano, diferente do convencional deve - se considerar os obstáculos encontrados em zonas urbanas, uma vez que estas, se tornam mais sensíveis posto que existem inúmeras variantes tais como transeuntes, inocentes que devem ser protegidos a todo custo, o que eleva o grau de dificuldade do trabalho policial;

15. A farda, as técnicas;

16. Treinamento Convencional é aplicado ao patrulhamento ostensivo, treinamento de sobrevivência é aplicado ao agente no gozo de sua folga, que estatisticamente, é quando mais sofrem atentados;

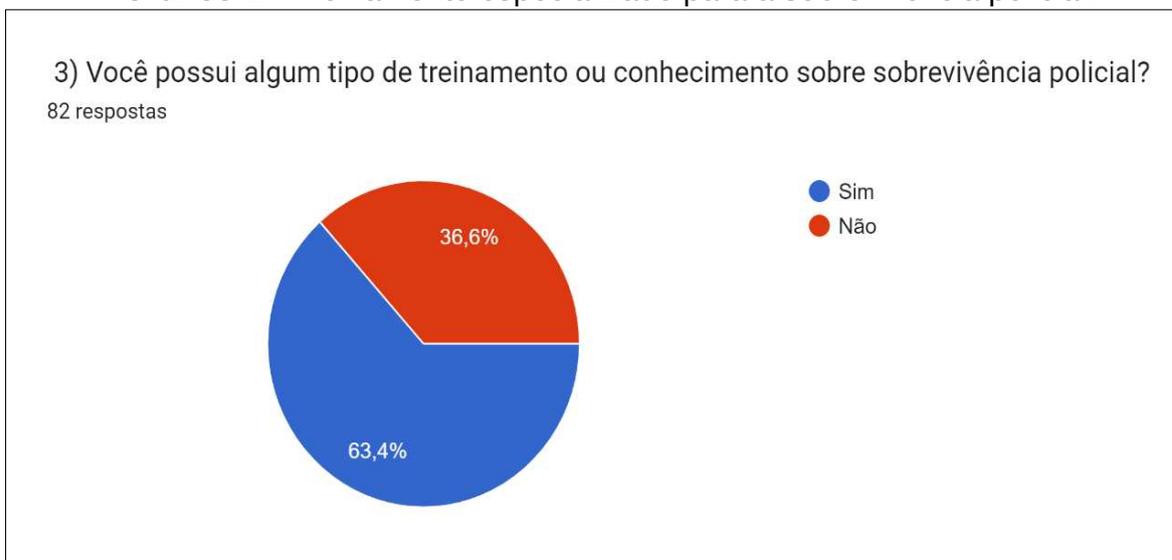
Fonte: Autor, 2022.

A pergunta resposta foi sumária para a compreensão da diferenciação dos policiais para o seu treinamento dentro do curso. Em princípio, nota-se que assim como foi observado na pergunta anterior há uma diversidade das respostas das mais complexas, que variam de acordo com o ano em que o cadete se encontra, já que os policiais mais recentes no curso ainda não vivenciaram possível disciplinas que possam esclarecer tais temáticas. Contudo, apesar de alguns não conhecerem o conceito eles já são passíveis de algumas situações de risco que podem escalar para um grau elevado de periculosidade levando à morte.

Há a possibilidade de abordagens diferentes dentro de missões oficiais coordenadas ou não, e aquelas que ocorrem em seu momento de folga. De tal forma, é indispensável que o policial em treinamento reconheça as diferenças e as limitações de cada um dos treinamentos propostos, fazendo com que se busquem novas oportunidades de conhecimento para a condução dos diferentes contextos de forma a obter sucesso e proteger sua integridade.

Sales (2021) aponta que no contexto diário, para não ser vítima propriamente pelo simples fato de ser policial, exige-se um constante estado de alerta, um instinto de sobrevivência dos policiais militares que necessita de um treinamento específico voltado para sobrevivência urbana. É oportuno ressaltar que no segundo treinamento o policial opera de forma individual, majoritariamente, já que em muitas vezes o policial se encontra sozinho nos momentos da atuação.

Minayo (2008) afirma que os conceitos de risco e segurança, da forma como são concebidos pela polícia, sofreram, ao longo do tempo algumas transformações, e atualmente, a Polícia Militar pode ser configurada como uma organização onde o conceito de risco está associado e faz parte da cultura institucional, como elemento inerente às suas condições de trabalho ambientais e relacionais.

Gráfico 2 - Treinamento especializado para a sobrevivência policial.

Fonte: Autor, 2022.

No gráfico 2 acima, pode-se observar as respostas obtidas por meio da 3ª pergunta do questionário acerca se policiais possuíam algum treinamento voltado especificamente para sobrevivência policial. Como resposta foi obtido que a maioria (63,4%) possui e a minoria (36,6%) não possui.

As respostas aqui obtidas reverberam no resultado do próximo questionamento acerca do treinamento fazer parte do realizado no CFO ou ser feito por fora. De forma interessante, houve uma multiplicidade de respostas obtidas em tal questionamento que podem ser mais bem observadas no quadro abaixo.

Quadro 3 - Fragmentos de respostas sobre o treinamento realizado no CFO ou à parte.

4) Se sim, esse treinamento foi realizado no CFO ou em um curso à parte?

Curso ofertado pelo CFO, de maneira excepcional e extracurricular;
 Não;
 curso à parte;
 Ainda não;
 Não foi realizado;
 À parte;
 S/N;
 Treinamento realizado no CFO;

Apesar de ter sido feito durante o CFO, foi um curso à parte promovido pelo Cap Cunha;

Em formação como praticante de Krav Magá, e como instrutor, além de cursos particulares na operação de pistola até o nível avançado;

Curso à parte;

Em um curso ofertado no CFO;

No Cfo;

Foi realizado no CFO, no Curso de Sobrevivência Urbana;

Foi em um curso à parte da estrutura curricular. do CFO;

Não possuo;

Não tenho certeza;

Dentro do CFO. Instrução tática e individual;

Não sei;

No curso de CFSD;

Nada a declarar;

Sim, nas instruções de abordagem policial;

Pelo CFO;

Não tenho treinamento, só tenho conhecimento;

Ainda Não tenho;

Com conhecidos que já fizeram curso de sobrevivência policial.

Fonte: Autor, 2022.

Com base nas respostas obtidas foi possível perceber pelo menos três indicadores que merecem destaque. O primeiro se refere a disciplinas que fazem parte do CFO, mas que são consideradas como atividades complementares a parte, desta forma, não possuem constância em sua oferta para os policiais em formação o que pode gerar um déficit para aqueles que não possuem um conhecimento.

O segundo ponto é a obtenção dos conhecimentos sobre as táticas de sobrevivência urbana por meio de um curso totalmente à parte, essas respostas se mostram importante, já que revelam a importância dada ao policial por tal conhecimento, que o faz buscar em outros âmbitos, em busca de sua proteção a vida.

Saldes (2021) aponta que existe também um falso sentimento de que ao ingressar na atividade policial ou adquirir uma arma de fogo, o policial militar se

torne “blindado”, “invencível” ou “imortal”, sendo assim é importante que os policiais possam buscar alternativas de treinamento para que se sintam mais preparados. É importante ressaltar, como aqui já mostrado em capítulos anteriores, que somente nos anos de 2018 e 2019, um total de 429 policiais militares foram à óbito por Crimes Violentos Letais Intencionais, sendo 125 em serviço e 304 na folga (ANUÁRIO ..., 2020, p. 72 e 73).

Esse dados confirmam, assim como aponta Oliveira (2020) que uma quantidade significativa de policiais militares em relação aos efetivos das polícias perdeu suas vidas, estando armados ou não, tendo isso em vista, o fator principal de mudança desses dados é a formação técnica para a sobrevivência urbana

6.2. Sobrevivência urbana e o Curso de Formação Oficiais

Pensando na importância de se atrelar os conhecimentos obtidos para a sobrevivência urbana e o curso do CFO, emergiu esta segunda categoria no trabalho que visa discutir como tais conhecimentos podem estar imbricados às bases metodológicas e práticas do curso.

Quadro 4 - Fragmentos de resposta se dentro do CFO tem algum treinamento voltado para a sobrevivência policial.

5) Em relação a grade do curso do CFO. Existe algum treinamento voltado para a sobrevivência policial?

1. Não na matriz curricular normal. O curso ofertado foi como atividade complementar;
2. não existe;
3. Não, e deveria ter porque realmente é fundamental, a APMGD precisa rever isto;
4. SIM;
5. Não existe em todas as turmas;
6. Talvez no estágio de força tática;
7. Sim;
8. Existe um curso, mas não é aplicado a todas as turmas;
9. Existem algumas técnicas de defesa pessoal que podem ser aplicadas no cotidiano, mas de modo específico, não;

10. Iti, FT, choque ... não existe uma específica mas são desmembradas em várias por áreas;
11. A disciplina de Instrução Tática Individual;
12. Instrução Tática Individual;
13. Não existe disciplina, apenas curso extracurriculares;
14. Possibilidade de realização de curso de sobrevivência policial durante o recesso;
15. Na cadeira de tiro;
16. Não, há a possibilidade da realização do curso de forma extra curricular;
17. Não, é extracurricular;
18. Na grade, não. Foi extra curricular;
19. Desconheço algo na grade curricular do CFO que envolva treinamento voltado para a sobrevivência policial;
20. Não, apenas noções bem superficiais.

Fonte: Autor, 2022.

Ao se analisar as respostas obtidas, é possível perceber que os policiais afirmam que não há no curso, vinculado a grade oficial, disciplina(s) que versem especificamente sobre a sobrevivência policial, e treine o policial para o perigo que ele poderá enfrentar em horários que estaria de folga.

A necessidade de uma disciplina específica é muitas vezes contraposta, com a argumentação de que o policial já está preparado apenas com as disciplinas obtidas no curso normalmente, além de estar equipado com sua arma, a qual pode dispor diariamente, mesmo não estando em serviço.

Sobre isso Sales (2021) discorre que há uma confusão comum, haja vista que em 75% de todos os casos de óbitos por mortes violentas os policiais portavam suas armas de fogo, fator este que se mostra preocupante, e revela que portar a arma de fogo por si só não é um fato que garanta a salvaguarda de suas vidas, é necessário que o policial possua o treinamento de técnicas e prática para uso de formas de quando e como reagir a essas especificidades.

Tal necessidade ganha maior destaque no questionamento seis “Como esse treinamento funciona?” em que a maioria dos policiais relatou não saber como funciona o treinamento por não ter feito, e aqueles relataram trouxeram outros

pormenores, como por exemplo, a sobrevivência na selva. É importante destacar que tais conhecimentos, são importantes para a formação e consolidação do profissional, contudo, divergem de pensamento quando referidos à sobrevivência urbana, não podendo ser equiparados.

Por conseguinte, na pergunta sete se tem “É um curso de treinamento regular para os cadetes?” Em que se obteve como resposta que a maioria (76,6%) aponta para a não constância no treinamento dos cadetes sobre essa temática, contra (23,2%). Como pode ser visto no gráfico abaixo. Essa realidade pode ser justificada pela mesclagem das turmas que não obtiveram a integralização de todas as disciplinas que possam ser ofertadas no curso.

Gráfico 3 - Constância do treinamento dos cadetes sobre a sobrevivência urbana.



Fonte: Autor, 2022.

A 8ª Questão “Esse é um curso de treinamento previsto no plano de curso ou plano de comando?” as quais a maioria dos pesquisados afirmaram que não sabem ou acreditam não ser um treinamento do plano de curso. Sendo ofertado meramente a dispor de terceiros quando há a viabilidade do prosseguimento do curso.

13. Sim. tiro policial;
14. Contato superficial na disciplina de tiro;
15. Sim, a temática é lembrada em disciplinas de tiro policial e IT, no entanto nada aprofundado;
16. Tiro policial;
17. Não conheço;
18. Sim, tiro policial voltado para instrução;
19. Sim. Tiro Policial Avançado;
20. Sim. Tiro policial avançado;
21. Tiro Policial Defensivo Avançado;
22. Defesa pessoal e nas disciplinas de tiro;
23. Tiro e abordagem;
24. ITI;
25. Nenhuma;
26. Curso de Força Tática;
27. Tiro policial defensivo;
28. Sim. Na de tiro;
29. sim, abordagem;
30. Sim;
31. Não tive.

Fonte: Autor, 2022.

Quando se analisa as repostas obtidas é notório que há uma dicotomização dos cadetes, entre sua maioria de não ponderar que as disciplinas de tiro também fazem uso da abordagem da sobrevivência policial, por mais que seja minimamente colocada. Além daqueles que amparam as disciplinas de tiro como únicas dentro da grade do curricular que contabilizam alguma formação para a área.

Nesta seara, ressalta-se que além das disciplinas de tiro, há o curso de força tática, que embora não faça parte da grade regular do curso do CFO como disciplina obrigatória, é ofertada regularmente². Contudo, esse curso tem seu escopo voltado

² Durante o período da pandemia houve a suspensão do curso.

para atividade policial específica, baseando suas atividades e simulações para o combate urbano.

Figura 4 - Instrução de progressão tática no Curso de Força Tática.



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2022.

Sendo assim, os cadetes participantes da turma do CFO IV, trouxeram em suas respostas elementos da participação do curso, e que alguns tem a sensação de que as disciplinas ministradas no CFO preparam os futuros oficiais formados na APMG para as situações de reação a violência, e após a realização do curso vemos que os conhecimentos que foram repassados pelo instrutor, CAP Cunha, diferem bastante do que é transmitido durante as instruções da APMGD, as quais devem estar condizentes com a grade curricular.

Durante o curso de sobrevivência o instrutor evidenciou, principalmente, as simulações de situações reais, nas quais os policiais ao estarem de folga, se encontram sem o apoio do estado, sem todo o equipamento necessário como, por exemplo, o colete balístico e sem o apoio de outros policiais, podendo estar em situações de risco sozinhos ou acompanhado com familiares e amigos os quais

geralmente também não tem conhecimento acerca do combate, o que dificulta mais ainda a ação solitária do policial, ou nas situações que o policial é surpreendido.

Figura 5 - Curso de sobrevivência ofertada para turma CFO IV, com simulações reais.



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 2022.

Ademais, durante o treinamento do curso, o instrutor coloca em ênfase que é necessário focar no controle emocional para lidar com essas situações. É repassado algumas técnicas como a “desescalada”, a qual deve ser aplicada quando o policial é surpreendido e quem tem o controle da situação é o cidadão infrator, assim, o policial deve demonstrar fraqueza, deixando o cidadão infrator sentir-se no controle da situação, esperando, o policial, o melhor momento ou a janela de oportunidade para agir. Dentre outras técnicas evidenciadas no curso as quais mostram que quando comparadas as respostas dos cadetes das demais turmas e dos cadetes do CFO IV, que entendem a diferença do conhecimento passado no curso e do que é passado nas disciplinas curriculares do CFO, avaliam que as disciplinas ofertadas na APMGD não preparam o futuro oficial para essas situações de reação à violência.

Desse modo, é indispensável que se proponham alternativas de forma a expandir tais conhecimentos, dentro do curso e priorizá-las não somente nas

disciplinas de tiro, principalmente, tendo em vista que a forma a qual é apresentada na disciplina não supre as necessidades dos policiais em formação como é apresentado posteriormente na questão 10 abaixo.

Quadro 6 - Fragmentos de resposta se outra disciplina do CFO aborda a sobrevivência policial.

10) Durante as disciplinas como esse contato ocorreu?

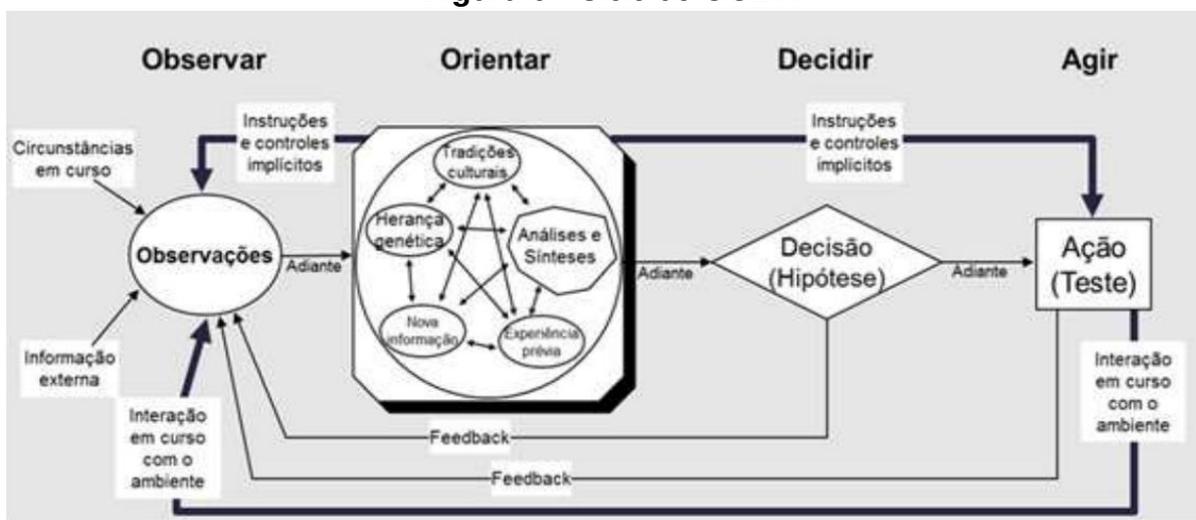
1. Não houve.
2. Não houve.
3. Não.
4. Ainda não.
5. Nada a declarar.
6. Superficial.
7. Falas do instrutor.
8. Ensino de técnicas.
9. Distante as aulas quando se abria parênteses sobre o assunto.
10. Apenas superficialmente.
11. Somente uma exposição básica.
12. Vídeos e demonstrações.
13. Orientações e estudo de caso.
14. Quase nenhum contato, somente teoria.
15. Simulando alguma situação em momento de folga.
16. De forma breve e teórica.
17. Não sei.
18. Por iniciativa própria do instrutor.
19. Teoria.
20. Através de algumas situações ditas pelo instrutor.
21. De forma breve e teórica.
22. Relatando situações que poderiam ocorrer no dia-a-dia do policial e através de demonstrações feitas pelo instrutor.
23. Com o treinamento de tiro e seus perigos.
24. Sobrevivência em locais de matas.
25. Não teve.
26. De forma sucinta.
27. Aulas.

Com base nas respostas, pode-se afirmar que o treinamento obtido ainda está muito aquém do necessário para os cadetes, que podem se sentirem despreparados caso deparem-se em uma situação de risco. Afirma-se que o conhecimento sobre a técnica não valida o uso desenfreado da violência gratuita por parte dos policiais, não é de interesse defender o uso de armas quando não for estritamente necessário como sendo um caso de morte. Contudo, o ponto colocado é de que em algumas situações será necessário fazer uso, preservando a vida do agente.

Para tanto, é importante o conhecimento de algumas técnicas, das quais se destacam duas principais que serão apresentadas a seguir. A primeira conhecida como o ciclo de Observação - Orientação - Decisão - Ação, mais conhecido como o ciclo de OODA, formulado pelo Coronel da Força Aérea dos Estados Unidos (no inglês, USAF), John Boyd (1927 - 1997).

De maneira geral, define-se Ciclo OODA como um modelo de tomada de decisão racional, cujo processo é resultado de um comportamento composto pelas quatro fases seguidas Observação - Orientação - Decisão - Ação (SCHECHTMAN, 1996, p.33). Enquanto um modelo de tomada de decisão racional, todos os seres humanos o desenvolveriam, intuitivamente ou deliberadamente, com o objetivo de sobreviverem que pode ser representado como na figura 6.

Figura 6 - Ciclo de OODA



Fonte: JAROSZEWSKIL, 2016.

A sigla representa a síntese do processo cognitivo humano, elaborado para representar a competição pela sobrevivência, individual ou coletiva. Portanto, caberia a cada um de nós, seres humanos, garantirmos o funcionamento de nosso ciclo OODA e impedirmos o bom funcionamento do ciclo OODA, de modo inclusive a mitigar o processo de coalização da guerra e da resposta imediata (ALCÂNTARA, 2016).

Dentro do âmbito policial o OODA pode ser utilizado como uma técnica de análise que auxilia o policial na prevenção dos possíveis incidentes fora e dentro do trabalho, sendo utilizado de maneira racional para quando agir. Os pormenores do ciclo podem ajudar o policial a compreensão, em uma escala macro, de uma série de decisões sobre de que maneira agir também.

Contudo, O ciclo OODA é uma teoria muito boa, mas não é perfeita. Não se enquadra em confrontos armados, já que o autor desconsiderou as reações instintivas, de sobressalto. Da mesma forma, não levou em conta o fato de que algumas respostas antecedem o processo consciente, já que estão gravadas em nossa memória muscular. O sistema OODA é mais um sistema estratégico, utilizado para “manobras de guerra” em confrontos duradouros (NOGUEIRA, 2021).

De acordo com Nogueira (2021) um contraponto a OODA, emerge o O3R como uma técnica para ser utilizada para a reação em casos de sobrevivência urbana, podendo ser aplicada em confrontos de baixa intensidade e curta duração. O processo O3R engloba as seguintes questões: “observe, reaja, reconheça, responda”. São elas:

OBSERVE: é a informação não cognitiva coletada. Sua percepção do ambiente, sem processo de consciência;
REAJA: é a reação natural instintiva. Desencadeamos uma ação programada pelo DNA, baseada num instinto de proteção ou sobrevivência;
RECONHEÇA: reconhecer padrões nos levam a uma resposta intuitiva, pois a prática realizada dentro de um contexto irá condicionar esta resposta. Porém, a exposição e treinamento são fundamentais;
RESPONDA: todo o estímulo aprendido desencadeia uma resposta aprendida, que depende de nossas crenças e experiências. Aqui, a resposta é intuitiva, automatizada e sem o processo cognitivo (PEREIRA, 2021, p. 1).

Nesse contexto, Ferreira, Cabelho e Filho (2020) defendem que concomitante a isto para os policiais garantirem a preservação de suas vidas, quer seja em serviço

ou fora dele, 90% do resultado final se dá pela adoção de comportamentos de prevenção, 5% pela reação e 5% pela sorte. Por prevenção pode-se inferir, inclusive, comportamentos sociais, locais que frequentam, leitura de cenário, companhias e atitudes que realmente podem fazer com o que o policial militar não seja surpreendido com ações que possam comprometer sua segurança e de sua família.

Tais discussões culminam na última pergunta que se refere a “11) Como você avalia o treinamento de sobrevivência policial quanto ao uso da arma de fogo, abordagem e combate?”

Quadro 7 - Fragmentos de resposta da avaliação do treinamento de sobrevivência policial quanto ao uso de arma de fogo, abordagem e combate.

11) Como você avalia o treinamento de sobrevivência policial quanto ao uso da arma de fogo, abordagem e combate? “

1. Excelente.
2. Muito importante.
3. Satisfatório.
4. Insuficiente.
5. Eficiente.
6. 9.
7. É baseado no manuseio bem sucedido do armamento e das demais especificidades.
8. Diferenciado, tanto quanto ao uso quanto ao combate.
9. Não tive a instrução.
10. De suma importância para a corporação.
11. Extremamente eficaz pois o policial se sente mais confiante diante de uma possível reação.
12. Não sei informar, pois não realizei o treinamento.
13. Bom.
14. Sendo indispensável para a formação do policial militar.
15. Acho que no CFO deveria ser dada mais atenção a essa temática, tendo em vista que muitos policiais morrem em combate durante suas folgas.
16. e importante para o policial em folga.
17. Quase zero.

18. Bom.
19. Excelente oportunidade para um primeiro contato, visto que esse tipo de treinamento deve ser continuado, por iniciativa da Instituição ou iniciativa própria do agente que preza pelo seu bem estar.
20. Regular, poderia ser melhor.
21. Excelente. Deveria fazer parte da grade curricular de todos os cursos policiais, visto que a maior parte das mortes de EAL se dão na folga!
22. Razoável.
23. É essencial para a carreira Policial.
24. Deveria estar inserido nas grades curriculares de todos os cursos de Formação policial.
25. Muito bom.

Fonte: Autor, 2022.

Em uma análise superficial, pode-se levar a acreditar na superiorização dos treinamentos realizados (a parte ou não) como eficientes para os cadetes, com isto acredita-se que o treinamento realizado supri as necessidades dos seus policiais em formação que passam a se sentir aptos. Contudo, isso se consolida como falácia quando se leva em consideração as análises anteriores e o detalhes das respostas aqui obtidas.

Em certo grau é apontado que há limitações do treinamento, já que apesar dos esforços dos instrutores em repassar todo o conteúdo adquirido por eles, ainda se tem dificuldades no que tange ao material e instrumentos, bem como no sentimento financeiro, comprometendo o fomento salutar desses treinamentos dos policiais militares. Muitos policiais afirmam que eles são insuficientes ou não chegam a todos, o que revela a necessidade uma revisão sobre a grade curricular do curso, de modo a planejá-la com conhecimentos que são tão importantes para a formação do policial. Tal mudança pode ser o fator crucial e entendido como um diferencial para o salvamento de vidas e com isso a diminuição dos altos índices de vitimização policial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa buscou-se delinear uma investigação no Curso de Formação de Oficiais quanto ao preparo do oficial da PMMA para atuar em situações de reação à violência, tal prática denominada de sobrevivência policial tem em seu cerne a compreensão por parte do policial de como e quando agir em caso de risco a sua vida em períodos de folga.

Para tais feitos, analisou-se o conceito sobre o que é a reação à violência urbana, sobrevivência policial demonstrando os números da vitimização policial sofrida nos últimos anos e comparou-se com os períodos de folga e de trabalho, em que se teve como respostas principais um maior número de mortes no período de folga do que em períodos de serviço. Esse dado mostra-se ainda mais preocupante, quando se leva em consideração o fato de que o Brasil é um dos países que está no topo da lista de altas taxas de mortes violentas intencionais do mundo, fazendo com que fique urgente a possibilidade de um treinamento específico para mitigar essa realidade que assola os PM's de todo o Brasil.

Tendo isso em vista, uma forte possível contribuição para uma formação mais acurada dos aspectos de respostas em contextos gerais, é a disciplina de tiro policial, que é utilizada nos dias atuais, principalmente, para a capacitação do oficial da PMMA para atuar em situações de reação à violência seja ela qual for, inclusive, as de folga.

Constata-se com as análises aqui feitas dos questionários que a disciplina de tiro policial, assim como outras, tem limitações, como a necessidade de mais horas para cursar a disciplina, a necessidade de focar no treinamento específico ao ensino de sobrevivência urbana, uma vez que portar a arma não garante que o policial saiba como utilizá-la de maneira a seu favor para reverter à situação e ter o mínimo de vítimas possível.

Nessa seara, defende-se a criação de uma proposta de revitalização da estrutura curricular do curso do CFO, a fim de adicionar a sua grade definitiva uma disciplina que tenha como objetivo o trabalho e ensino da sobrevivência policial, unificando o saber teórico e prático em ações cotidianas. Fica também o questionamento para futuras pesquisas avaliar a necessidade de acompanhamento psicológico durante o curso de formação para um melhor equilíbrio emocional dos

futuros oficiais no desempenho de suas atribuições, visto que, são constantemente confrontados com situações de risco.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, B. T.; COSTA, J. G. B; Alternativas de otimização do ciclo ooda no ciberespaço aplicadas ao contexto brasileiro. 2016 In: **IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos de Defesa - IX ENABED - Forças Armadas e Sociedade Civil**: Atores e Agendas da Defesa Nacional no Século XXI. Disponível em:
https://www.academia.edu/38311810/Alternativas_de_Otimizacao_do_Ciclo_OODA_no_Ciberespaco_Caso_Brasileiro_pdf. Acesso em: 03 ago 2022
- ALMEIDA, L. G. V. **Ritual, risco e arte circense**: o homem em situações-limite. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2008.
- ANUÁRIO brasileiro de segurança pública 2021. Fórum brasileiro de segurança pública. Ed. 15. S.l., 2021.
- ARAÚJO, L. N. O. A de. **A polícia que mais mata é a polícia que mais morre?** Uma análise da vitimização na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro nos anos de 2017 e 2018. 2020. 120p. Dissertação (Mestrado em Criminologia) - Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2020. Disponível em:
https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/9565/1/DM_36043.pdf. Acesso em: 03 ago 2022
- ARAGÃO, J. W. M de; MENDES NETA, M. A. H. **Metodologia científica**. Salvador: UFBA - Faculdade de Educação, Superintendência de Educação a Distância, 2017. 51 p.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. de Augusto Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOYD, John. **Essence on Winning and Losing**. 1995. Disponível em:
<http://bit.ly/essencewinninglosing>. Acesso em: 14 set. 2022.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Diário Oficial da União, Brasília-DF, 05 de outubro de 1988. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 jun. 2022.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 3.689**, de 3 de outubro de 1941. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro – RJ, 03 de outubro de 1941. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del3689Compilado.htm. Acesso em: 10 jun. 2022.
- BRITO, D; SOUZA, J.; LIMA, R. A formação de redes de trabalho paralelo de segurança. **Revista Brasileira de Segurança Pública**. São Paulo, Ano v, 8.ed., Fev./Mar 2011.

CÂMARA, O. Polícia brasileira: a que mais mata e a que mais morre. **Revista Jus Navigandi**. Teresina, v. 24, n. 5884, 2019. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/74146/policia-brasileira-a-que-mais-mata-e-a-que-mais-morre>. Acesso em: 10 jun. 2022.

CANO, I. Análise territorial da violência no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: ISER, 1997. In: SOUZA, M. L. Fobópole: **o medo generalizado e a militarização da questão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

COLZANI, Leonardo Daniel. **Sobreviva Guardião**: técnicas para a autopreservação da vida. São Paulo: All Print Editora, 2016

DURANTE, M. O.; OLIVEIRA JÚNIOR, A. Vitimização dos policiais militares e civis no Brasil. **Revista Brasileira de Segurança Pública [online]**, São Paulo, n. 7, p.132-144, Fev/Mar 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/1113264/Downloads/samibueno,+durante.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2022.

DUARTE, E. N. P. M. **O risco não cessa quando o turno termina**: um estudo sobre a morte de policiais militares fora do serviço. 2019. 109 p. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública) - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, Belém-Pará, 2019.

LESSA, Marcelo de Lima. Policiais de folga devem reagir a assaltos? In.: **Revista jus Navigandi**, Teresina, ano 23, n. 5436, 20 mai. 2018. Disponível em: <https://jus.com.br/revista>. Acesso em: 15 jun. 2022.

LOPES, Edson. **Política e segurança pública**: uma vontade de sujeição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2019.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**: Coleção Pesquisa qualitativa. [s.l.] Bookman Editora, 2009.

FERNANDES, A. Vitimização policial: análise das mortes violentas sofridas por integrantes da Polícia Militar do Estado de São Paulo (2013-2014). **Revista Brasileira de Segurança Pública [online]**, São Paulo, n. 2, v. 10, p. 192-219, Ago/Set 2016. Disponível em: https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/16335/Vitimiza%c3%a7%c3%a3o_Policial_An%c3%a1lise_das_Mortes_Violentas_Sofridas_por_Integrantes_da_Pol%c3%adcia_Militar_do_Estado_de_S%c3%a3o_Paulo.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 15 jun. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E M. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MELLO, C. M. A. **Heróis também sangram**: como, onde e porque morrem os policiais militares do Estado do Pará (2013-2015). 45p. Monografia (Especialização em Gestão Estratégica e Defesa Social). Marituba, 2015.

MELLO, C. M. A. **A multiplicidade dos riscos na profissão Policial Militar**. Belém, 2015. 75 p. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública) - Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública - PPGSP, Universidade Federal do Pará, 2015.

MINAYO M. C. S. **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2011.

MINAYO, M.C.S.; SOUZA, E.R.; CONSTANTINO, P. **Missão prevenir e proteger**: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R.; CONSTANTINO, P. Riscos percebidos e vitimização de policiais civis e militares na (in) segurança pública. In.: **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 23(11):2767-2779, nov, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/8tSzFvXDw3NMYQy9m9vpDfR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2022.

NOGUERIA, R. **Tiro de combate de sobrevivência policial método RCS realismo em combate simulado**. Brasília, DF, 2021.

OLIVEIRA, H. W. S. **Sobrevivência Policial**: Morrer não faz parte do plano. Edição do autor. Uberlândia: Clube de autores, 2018.

PEREIRA, C. A. B. Fim do ciclo OODA e criação do O3R: resolução de problemas e tomada de decisão em confrontos armados. In.: **Velho general** [online]. Santa Catarina, 2021. Disponível em: <https://velhogeneral.com.br/wp-content/uploads/2021/10/Fim-do-ciclo-ODA-e-a-criacao-do-O3R-v1.pdf>. Acesso em 03 out. 2022.

RESK, F. Um PM fora de serviço é morto a cada nove dias em São Paulo. In.: **O estado de São Paulo**. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,um-pm-fora-de-servico-e-morto-a-cada-nove-dias-em-sao-paulo,1657198>. Acesso em 20 jun. 2022.

SALES, Eric Rodrigues. Vitimização e sobrevivência policial: uma análise sobre mortes violentas de policiais militares do Distrito Federal. **Revista Ciência & Polícia**, v. 7, n. 1, p. 35-55, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/1113264/Downloads/159-Texto%20do%20artigo-392-1-10-20210817.pdf>. Acesso em 20 ago. 2022.

SANTOS, S. B. S. C.; SANTOS, T. Y. C. **Técnicas de reação à violência urbana, sobrevivência policial e combate veicular aplicadas ao CFO para uso na folga**. 119f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Policiais) - Instituto Superior de Ciências Policiais, Brasília: Distrito Federal, 2021.

SCHECHTMAN, Gregory M. **Manipulating the Ooda Loop: the Overlooked Role Of Information Resource Management in Information Warfare**. Dissertação

(Mestrado em Gestão de Recursos de Informação) - Air University, Maxwell. 1996.

Disponível em:

<https://indianstrategicknowledgeonline.com/web/Manipulating%20the%20OODA%20loop.pdf>. Acesso em 20 ago. 2022.

SILVEIRA, F. B. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: FTD, 2016.

APÊNDICE

Apêndice A – Questionário aplicado nas turmas do CFO

BLOCO 1 – Identificação dos participantes

Qual turma do CFO você faz parte?

()CFO I

()CFO II

()CFO III

BLOCO 2 – Conceito sobre Sobrevivência policial

- 1) O que você entende por sobrevivência policial?
- 2) Qual a diferença do treinamento convencional aplicado à atividade policial e o treinamento de sobrevivência urbana?
- 3) Você possui algum tipo de treinamento ou conhecimento sobre sobrevivência policial?
()Sim
()Não
- 4) Se sim, esse treinamento foi realizado no CFO ou em um curso à parte?
- 5) Em relação a grade do curso do CFO. Existe algum treinamento voltado para a sobrevivência policial.
- 6) Como esse treinamento funciona?
- 7) É um curso de treinamento regular para os cadetes?
- 8) Esse é um curso de treinamento previsto no plano de curso ou plano de comando?

BLOCO III – SOBREVIVÊNCIA POLICIAL E O CURSO DO CFO.

- 9) Em alguma outra disciplina oferecida pelo CFO você teve contato sobre a temática da sobrevivência policial. Se sim, Qual?
- 10) Durante as disciplinas como esse contato ocorreu?
- 11) Como você avalia o treinamento de sobrevivência policial quanto ao uso da arma de fogo, abordagem e combate?

Apêndice B – Termo de compromisso dado aos policiais

Caro participante, para efeito de Pesquisa Científica, solicito vossa colaboração em responder este questionário, contribuindo assim com importante opinião sobre o tema da minha pesquisa correspondente à fase final da Monografia do Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Maranhão, cujo título é: **SOBREVIVÊNCIA URBANA**: análise da eficiência do Curso de Formação de Oficiais da PMMA no preparo do oficial para atuar em situações de reação à violência, objetivando Investigar os impactos da disciplina de tiro policial do Curso de Formação de Oficiais e como ela contribui na capacitação do oficial da PMMA para atuar em situações de reação de violência.

Informo que todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e o orientador terão conhecimento dos dados.

Obrigado!

Matheus Henrique Rodrigues Melo

_____ aceito participar
da pesquisa.